

PENSAR A LITERATURA BRASILEIRA NO EXTERIOR: TRADUÇÃO PARA O INGLÊS DAS RESENHAS NO SITE PRAÇA CLÓVIS

REFLECTING ON BRAZILIAN LITERATURE ABROAD: ENGLISH TRANSLATIONS OF REVIEWS FROM THE PRAÇA CLÓVIS WEBSITE

Recebido: 09/10/2025 Aprovado: 30/06/2026 Publicado: 31/07/2026

DOI: 10.18817/rlj.v10i01.4451

Graziele Frederico¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-3452-4051>

Lucia Tormin Mollo²

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-8955-3642>

Resumo: Este texto apresenta uma reflexão sobre a difusão da literatura brasileira contemporânea no exterior a partir do projeto de tradução para o inglês das resenhas publicadas na plataforma digital *Praça Clóvis – Mapeamento crítico da literatura brasileira contemporânea*. Coordenado pela professora Regina Dalcastagnè (Universidade de Brasília), o *Praça Clóvis* reúne um extenso panorama de romances publicados desde os anos 1970. O artigo destaca a colaboração internacional articulada pelas professoras Claire Williams (Universidade de Oxford) e Sophia Beal (Universidade de Minnesota), que lideraram equipes de estudantes de graduação e pós-graduação na tradução voluntária e pedagógica de resenhas do site. Por meio de depoimentos e entrevistas com as docentes e estudantes envolvidas, o texto analisa as dinâmicas de trabalho colaborativo, os desafios linguísticos e culturais da tradução (como a negociação de termos idiomáticos e contextos sociológicos) e o impacto dessa iniciativa. O projeto é apresentado como uma ferramenta duplamente eficaz: por um lado, atua como vitrine internacional para editores, agentes literários e leitores anglófonos; por outro, consolida-se como um dispositivo de formação prática e holística para novos tradutores e brasilianistas.

Palavras-chave: Literatura Brasileira Contemporânea; Tradução Literária; Praça Clóvis; Formação De Tradutores; Humanidades Públicas.

Abstract: This text offers a reflection on the dissemination of contemporary Brazilian literature abroad, based on a project to translate into English the reviews published on the digital platform *Praça Clóvis – Critical Mapping of Contemporary Brazilian Literature*. Coordinated by Professor Regina Dalcastagnè (University of Brasília), *Praça Clóvis* brings together an extensive overview of novels published since the 1970s. The article highlights the international collaboration organized by Professors Claire Williams (University of Oxford) and Sophia Beal (University of Minnesota), who led teams of undergraduate and graduate students in the voluntary and educational translation of reviews from the website. Through testimonials and interviews with the faculty members and students involved, the text analyzes the dynamics of collaborative work, the linguistic and cultural challenges of translation (such as the negotiation of idiomatic terms and sociological contexts), and the impact of this initiative. The project is presented as a doubly effective tool: on the one hand, it serves as an international showcase for publishers, literary agents, and English-speaking readers; on the other, it establishes itself as a means of practical and holistic training for new translators and Brazilian studies scholars.

Keywords: Contemporary Brazilian Literature; Literary Translation; Praça Clóvis; Translator Training; Public Humanities.

¹ Pesquisadora colaboradora da Universidade de Brasília. Doutora em Estudos Linguísticos, Literários e Interculturais pela Universidade de Milão. E-mail: graziele.frederico@gmail.com

² Jornalista e integrante do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea (Gelbc/UnB). Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília. E-mail: ltorminmollo@gmail.com

Umberto Eco abre sua obra *Dire quasi la stessa cosa: esperienze di traduzione*³ perguntando, de maneira provocatória, o que quer dizer “traduzir”. Em suas palavras, a primeira resposta, em gesto de consolação, é pensar que traduzir significa dizer a mesma coisa em outra língua. O problema, como frisa o próprio Eco, é que, como tradutores, sabemos bem o quanto pode ser difícil esse “dizer a mesma coisa”. Algumas vezes, porque, diante do texto, fica difícil capturar o que seria exatamente a *coisa* a ser traduzida e, em certos casos, inclusive o dizer gera dúvidas e questões. Esse desafio, o da tradução, foi e está sendo enfrentado por estudantes de duas universidades estrangeiras para o site [Praça Clóvis](#) – Mapeamento crítico da literatura brasileira contemporânea.

Para “abrir o apetite de seus alunos para a tradução”, a professora de Literatura Brasileira da Universidade de Oxford, Claire Williams, desafiou seus alunos de graduação e pós-graduação a traduzirem resenhas do site. O Praça Clóvis é um extenso projeto de pesquisa com um mapeamento crítico da literatura brasileira contemporânea coordenado pela professora titular da Universidade de Brasília, Regina Dalcastagnè, uma das mais influentes pesquisadoras no âmbito brasileiro e internacional sobre o assunto. Nos três anos iniciais, o projeto contou com a colaboração de cerca de 300 pesquisadores na criação da plataforma digital, o site Praça Clóvis (www.pracaclovis.com), que busca apresentar resenhas, dados e informações sobre a literatura brasileira dos anos 1970 até os dias de hoje. Lançado em maio de 2025, atualmente estão disponibilizadas resenhas de 232 romances, das quais 23 foram traduzidas para a língua inglesa por equipes voluntárias coordenadas pelas professoras Claire Williams (Universidade de Oxford) e Sophia Beal (Universidade de Minnesota). As traduções continuam e, com a colaboração de outros professores e pesquisadores ligados ao Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea, o Praça Clóvis planeja apresentar as resenhas também em espanhol, francês e italiano.

Idealizado pela professora Claire Williams, as traduções das resenhas do Praça Clóvis aliaram mais uma forma de trabalhar a pesquisa em um projeto colaborativo, com a formação de jovens especialistas, nesse caso, estudantes de língua portuguesa e literatura brasileira no exterior. A partir da ideia lançada por

³ ECO, Umberto. *Dire quasi la stessa cosa*, Milano, Bompiani, 2003.

Williams, Sophia Beal criou um grupo de voluntárias na Universidade de Minnesota que produziu 18 traduções de resenhas.

Nos Estados Unidos, seis alunas de graduação aderiram ao projeto de maneira “entusiástica”, nas palavras de Beal. Os textos foram compartilhados em grupo, e uma estudante revisava o trabalho da outra. No final, as traduções passavam pela revisão da professora. Como nos conta Beal, “ao longo da primeira fase, fui criando um guia de estilo, um modelo para o formato da tradução e um exemplo de tradução de resenha. Documento que é atualizado sempre que necessário”. Em Oxford, Williams trabalhou com as traduções na disciplina Tradução de Português para Inglês, com o colega prof. Simon Park. Os alunos formaram duplas ou grupos e fizeram as traduções das resenhas a partir das instruções delineadas por Beal. Williams explica que deu sugestões para cada tradução, que podiam ser acolhidas ou negadas: “A tradução final é de autoria deles”. Na hora da prática, as duas enfrentaram desafios típicos do ofício da tradução.

Na entrevista que publicamos nesse dossiê, Sophia Beal conta como foi no caso de [*A obscena senhora D*](#), de Hilda Hilst: “Até agora a frase mais difícil de traduzir em uma resenha foi ‘histeriza a verdade’, que gerou uma conversa entre vários falantes nativos de inglês e português”. Nos textos dos estudantes, Williams conta alguns equívocos que surgiram: “Houve erros de interpretação altamente compreensíveis como a confusão de ‘luto’ com ‘luta’, ou a tradução de ‘rara’ como ‘estranho’, em vez de ‘difícil de achar’. Na maioria dos casos, fiquei muito impressionada com as soluções que os alunos acharam para expressões e termos complicados”.

A presença das resenhas para outras línguas amplia o alcance do site para o público de não-falantes da língua portuguesa e pode ser uma ferramenta útil de vitrine e apresentação das obras para o mercado editorial no exterior, como destaca Beal: “Mostra para a comunidade internacional a imensidão e qualidade dos romances brasileiros publicados desde 1970 e a seriedade do grupo de pesquisa brasileiro atrás desse site liderado pela professora Regina Dalcastagnè. Ademais, mostra o protagonismo do Brasil nas humanidades públicas”. A própria experiência de formação para jovens tradutores das resenhas do projeto apresentou, segundo Beal, um material novo para estudantes estadunidenses.

Para esse dossiê, trouxemos entrevistas feitas com as professoras Claire Williams e Sophia Beal que idealizaram e iniciaram esse processo de aliar o estudo

da literatura com a formação de jovens tradutores. Também estão presentes os depoimentos daqueles que colocaram a mão na massa e embarcaram nessa aventura e tentativa de “dizer quase a mesma coisa em outra língua”, como diria Eco. São testemunhos sobre as possibilidades que um projeto como o Praça Clóvis abre para a formação e conexão com estudantes de literatura brasileira no exterior.

“Espero que as resenhas sirvam para incentivar mais traduções, acho que podem inspirar agentes e editores”: entrevista com Claire Williams⁴

Como surgiu a ideia de traduzir para o inglês as resenhas do Praça Clóvis?

Eu tenho colaborado com o projeto Praça Clóvis desde o início, na equipa de edição. Assistia às reuniões de pijama, por causa do fuso horário! Sempre achei que o projeto valia muito a pena por várias razões. Serve como uma amostra de romances de todos os estados de Brasil, escolhidos por leitores. E as resenhas são um recurso maravilhoso para qualquer leitor, desde alunos de escola secundária a pesquisadores internacionais. Praça Clóvis é uma espécie de enciclopédia literária que dá acesso rápido e fácil à resenha de um romance que você nunca leu, oferece conselhos para saber mais sobre ele, e dá informação sobre as traduções (se existem), e a variedade de capas. As tags funcionam muito bem para identificar tendências e facilitar comparações, oferecendo aos estudantes de literatura contemporânea a possibilidade de seguir vertentes e descobrir obras que não sabiam que existiam. As lindas ilustrações não precisam ser traduzidas; elas são mais uma maneira de resumir ou transmitir os romances, e de atrair leitores curiosos.

Achei que fazia sentido traduzir as resenhas para outras línguas para divulgar e celebrar a variedade e a qualidade da literatura contemporânea brasileira. Durante a pandemia, colaborei como tradutora no romance-folhetim português *Bode Inspiratório*. Uma das colaboradoras desse projeto, a portuguesa Gabriela Ruivo Trindade, criou ‘Mapas do confinamento’, um site, e depois uma revista, juntando textos, poemas, crônicas de autores que escrevem em português, pelo mundo à fora.⁵ Gabriela me pediu para colaborar e desafiei os meus alunos de graduação e pós-

⁴ É professora de Literatura e Cultura Brasileiras da University of Oxford e Fellow de St. Peter's College. Pós-doutora pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Doutora pelo Department of Spanish and Portuguese, da University of Cambridge e mestre em European Literature pela University of Cambridge (St. Catharine's College).

⁵ <https://www.mapasdoconfinamento.com>

graduação para fazerem as traduções. Não receberam pagamento, mas gostaram de ver os nomes e os perfis no site do projeto. Achei que este modelo voluntário, que oferece experiência e prática aos alunos e fornece boas traduções para o projeto, funciona bem para todos: *a win-win situation*.

Qual é a importância da presença de resenhas traduzidas para o inglês no Praça Clóvis?

As resenhas traduzidas para o inglês têm essa função de amostra, ou vitrine, apresentando toda a variedade da literatura brasileira contemporânea a leitores que não sabem Português. Eu já recomendei o site para amigos e conhecidos que trabalham com literatura, não só professores (e alunos), mas editores, agentes literários, jornalistas, tradutores. Nem todos os romances resenhados foram traduzidos... ainda. Sinceramente espero que as resenhas sirvam para incentivar mais traduções, tanto de obras negligenciadas até por brasileiros, como romances recentíssimos; e acho que podem inspirar agentes e editores. Até podem animar os leitores a aprender português.

O que isso pode significar para a divulgação da literatura brasileira no exterior e, em especial, no Reino Unido?

A literatura brasileira é pouco conhecida no Reino Unido. Cada vez mais livrarias têm uma seção de literatura em tradução. Infelizmente, muitas vezes, os empregados confundem os portugueses com os latino-americanos nas estantes... De vez em quando um livro ganha fama ao ser nomeado para um prêmio, como *Torto arado*, de Itamar Vieira Júnior (International Booker Prize, 2023), ou uma autora convidada a uma festa literária, como Djamilia Ribeiro, na Hay Festival em 2025. Existem grupos de leitura virtuais, como a PiNT (Portuguese in Translation) Book Club⁶, que junta o autor e o tradutor para conversar sobre uma obra. Tem tradução simultânea para que ninguém perca nenhum elemento da conversa. Para mim, como professora, o site é um recurso maravilhoso que recomendo aos meus alunos para pesquisar mais sobre as obras que estão estudando (ex. *Azul Corvo*, de Adriana Lisboa), e para quem está buscando um assunto para trabalhar numa dissertação (ex.

⁶ <https://www.pintbookclub.com/>

Romances sobre a ditadura, de autoria feminina). As resenhas são informativas e não pretensiosas.

Explique como está sendo a realização do trabalho de tradução das resenhas na Universidade de Oxford.

No ano escolar passado, os alunos formaram duplas ou grupos, e cada grupo escolheu uma resenha. Furneci-lhes a resenha-padrão, e as instruções delineadas por minha colega americana, Sophia Beal. Os alunos pareciam bastante empolgados, e ficaram felizes e orgulhosos ao saber que o trabalho deles seria publicado no site. Quando cada resenha estava pronta, eu fiz a revisão, com algumas correções e sugestões. Houve vários desafios, sobretudo a *corda bamba* com que sempre lidamos ao nos aventurarmos numa tradução: quando sermos fiel ao original e traduzir 'literalmente', e quando sermos mais ousados, fazendo as mudanças necessárias para assegurar a compreensão na língua-alvo. Houve erros de interpretação altamente compreensíveis como a confusão de 'luto' com 'luta', ou a tradução de 'rara' como 'estranho', em vez de 'difícil de achar'. Na maioria dos casos, fiquei muito impressionada com as soluções que os alunos acharam para termos e expressões complicados. Fiz as minhas sugestões, e pedi para eles aceitarem ou negarem, mas a tradução final é de autoria deles. Espero que a experiência de traduzir estas resenhas lhes abrisse o apetite para a tradução, e também lhe estimulasse a querer ler o romance resenhado, outras obras do autor, e a pesquisar no site para descobrir romances que lhes apeteçam. Ainda é cedo para saber se isso, de fato, aconteceu, porque esse grupo de alunos está agora fazendo o seu *Year Abroad*, um ano no exterior, estudando ou trabalhando num país de língua portuguesa. Ainda há muitas resenhas para traduzir, e o ano escolar está começando agora: vou recrutar mais tradutores.

Como a experiência de participar de um projeto coletivo internacional contribui para a formação de tradutores e alunos de língua portuguesa e literatura brasileira?

Espero sinceramente que esta experiência tenha sido interessante e estimulante para os meus alunos, e que incentive um público leitor anglófono a querer saber mais sobre a literatura brasileira.

“A experiência contribui para a formação de tradutores e alunos de língua portuguesa e literatura brasileira de uma forma prática e de uma forma holística”: entrevista com Sophia Beal⁷

Explique como foi a realização do trabalho de tradução das resenhas na Universidade de Minnesota.

Em abril de 2025, um mês antes do lançamento do site Praça Clóvis, perguntei para vários alunos de português da Universidade de Minnesota se estariam interessados em traduzir resenhas para o Praça Clóvis como projeto voluntário não vinculado a nenhuma disciplina. Expliquei-lhes que o Praça Clóvis é liderado por Professora Regina Dalcastagnè e pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea e financiado por verbas federais brasileiras. É um empreendimento enorme e ambicioso, sediado na Universidade de Brasília, para incentivar mais pessoas a ler ficção brasileira. Expliquei que é um site de resenhas curtas (1.000 a 1.500 palavras), de romances brasileiros escritos desde 1970, com o objetivo de incentivar mais pessoas a ler e pesquisar literatura brasileira. Uma enorme equipe de pessoas atuou como revisores, ilustradores e editores. As resenhas são escritas para um público leigo, portanto, não contêm jargões acadêmicos. Seis alunas de graduação decidiram participar da primeira fase do projeto, e assim iniciamos o que até agora tem sido uma equipe só de mulheres.

Cada tradutora escolheu uma resenha para traduzir e teve duas semanas para fazer a tradução inicial. Depois de enviar essa primeira versão ao arquivo compartilhado do grupo, cada aluna revisou a tradução de outra pessoa, deixando sugestões e comentários no documento compartilhado. Depois, revisei todas as traduções, deixando mais sugestões, e mandei as traduções para doutora Grazielle Frederico (que me ajudou em cada passo do projeto) para serem publicadas. Ao longo da primeira fase, fui criando [um guia de estilo](#), um [modelo](#) para o formato da tradução e um exemplo de uma tradução de uma resenha. Atualizo esses primeiros dois documentos cada vez que surge algo que deve ser padronizado. Agora que há traduções publicadas no site, elas podem servir como exemplos. O modelo também inclui informações sobre as imagens das capas que o tradutor deve incluir na resenha

⁷ É professora de Português da University of Minnesota (Minneapolis, MN), nos Estados Unidos. Possui mestrado e doutorado em Estudos Portugueses e Brasileiros pela Brown University (Providence, RI), nos Estados Unidos.

e como escrever a legenda da imagem. Compartilhei esses documentos com outros coordenadores de equipes de tradução do Praça Clóvis. Claire Williams administra outra equipe de tradutores sediada na Inglaterra. Portanto, comunicamos frequentemente, por exemplo, sobre as normas que vamos seguir. Minha assistente de pesquisa, Giuliana da Veiga, uma doutoranda minha do Brasil, também participou do projeto. Ela foi paga para responder às dúvidas das tradutoras e para ler, frase por frase, a tradução ao lado da resenha original para verificar a qualidade e assegurar que nenhuma frase original fosse omitida sem querer. Ela foi a única pessoa paga.

Na segunda fase, as tradutoras tiveram três semanas para fazer a tradução inicial de 1 a 2 resenhas, e seguimos o mesmo processo. As tradutoras terminaram as traduções da primeira fase a tempo da reunião do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea (GELBC) em Milão e a segunda fase a tempo da reunião do Grupo em Brasília. Assim, essas reuniões, das quais participei, ajudaram a organizar os prazos. Nossa equipe conseguiu traduzir 18 resenhas em total na primeira e na segunda fase. A fase três, a atual, está seguindo o mesmo formato, mas funciona como uma disciplina oficial da universidade (um estudo independente), e as duas tradutoras estão recebendo crédito universitário e uma nota. Fazemos quase tudo virtualmente e de forma assíncrona devido à dificuldade de encontrar bons horários para todas nós nos reunirmos. No futuro, espero ter mais encontros presenciais da equipe pelo menos para celebrar nosso trabalho.

Houve desafios durante o processo de tradução. Foi mais fácil quando a tradutora e eu conhecemos bem o romance resenhado. Às vezes levou bastante tempo para descobrir as informações necessárias sobre as capas. Até agora a frase mais difícil de traduzir em uma resenha foi “histeriza a verdade” que gerou uma conversa entre vários falantes nativos de inglês e português. Uma referência a uma “‘quase’ noite de amor [de Hilda Hilst] com Marlon Brando” também nos deixou ponderando como traduzir e exigiu uma pesquisa sobre qual espécie de “quase” noite de amor foi aquela. Traduzir, ao final, exige pesquisa, não apenas linguística, mas também geográfica, biográfica, histórica e, no caso citado, maravilhosamente frívola.

Como a experiência de participar de um projeto coletivo internacional contribui para a formação de tradutores e alunos de língua portuguesa e literatura brasileira?

Fiz a pergunta para as tradutoras da equipe, e repassei algumas das respostas (com pequenas correções ortográficas para ajudar na compreensão):

Annika Prickett: Acho que foi muito informativo mas também me deu um sentimento de fazer algo maior que eu. Tivemos gente da Itália, França, os Estados Unidos e Brasil, todos juntos para trabalhar a mesma meta e isso foi incrível. Era diferente [de uma disciplina] porque a gente tinha que escolher quantas e quais obras queríamos traduzir e por isso acho que foi um nível de responsabilidade para cada pessoa para fazer o seu melhor, em contraste com uma aula “normal” onde uma professora dá palestras que são obrigatórias. É dizer, acho que minha motivação foi maior que em uma aula típica.

Martha Denton: Aceitei o convite porque estava muito animada para traduzir a resenha de *Ainda estou aqui* [obra de Marcelo Rubens Paiva, publicada em 2015]. O filme saiu quando eu estava fazendo intercâmbio em São Paulo, e o assisti três vezes além de ler o livro. Além da cinematografia linda e a trilha sonora tão cativante, achei muito importante a reflexão sobre o papel da memória na reconciliação depois da ditadura militar. Agora na situação política que temos nos Estados Unidos, penso frequentemente nesta obra e o que podemos aprender com o Brasil em termos de lutar pela democracia. Traduzir resenhas me fez refletir sobre o sentido de uma palavra em línguas distintas, e como depende da cultura. Por exemplo, a palavra “periferia” em português não é o mesmo que “periphery” em inglês devido à diferença na urbanização em cidades brasileiras e americanas.

Shaina Thelen: Sempre adorei livros e leitura, então fiquei muito animada em aprender o aspecto da tradução literária. Também adoro fazer parte de um projeto que aumenta a acessibilidade e a visibilidade da história e da literatura brasileiras. Participar de um curso de tradução é uma experiência muito mais imersiva na língua portuguesa do que em um curso tradicional. Sinto-me pessoalmente envolvida em compreender cada frase... não apenas em termos de tradução simples, mas também através do contexto cultural, histórico, gírias, etc. Ser tradutora me proporcionou uma compreensão maior das nuances da linguagem e da multiplicidade de traduções e interpretações ou tons pessoais possíveis que uma frase ou parágrafo pode ter. Tenho muito respeito pelo cuidado e pela dedicação envolvidos na tradução.

Svea Morrell: É incrível ver o projeto se juntar ao trabalho de tantas pessoas diferentes de todo o mundo. Esta foi a minha primeira vez fazendo trabalho de tradução, e achei o processo muito interessante tentando encontrar a melhor maneira de expressar o conteúdo original. Adorei trabalhar de forma colaborativa para traduzir essas resenhas porque isso significa que posso compartilhar meus interesses na literatura brasileira com pessoas que não falam português. Para mim, isso é muito emocionante!

Como essas respostas indicam, a experiência contribui para a formação de tradutores e alunos de língua portuguesa e literatura brasileira de uma forma prática e de uma forma holística. Em termos práticos, os alunos aprendem a traduzir com o apoio de uma equipe, e rende um resultado: uma tradução publicada no site Praça Clóvis que é profissional, minucioso e público. A boa reputação do site aumenta a importância da tradução. Para todas as alunas da equipe, é a primeira vez que publicam uma tradução, e esse texto tem um alcance grande por ser digital e acessível. Em termos holísticos, as tradutoras estão participando de uma iniciativa pública para incentivar a leitura de ficção brasileira juntas com uma equipe internacional enorme e dedicada. O projeto reflete as prioridades das tradutoras: a curiosidade insaciável, a valorização de perspectivas globais, a importância de aprender novos idiomas, o valor da escrita como uma ferramenta criativa e comunicativa e o desejo de divulgar a excelência da ficção brasileira. O design cuidadoso do site e suas belas imagens adicionam a seu encanto, aumentando o orgulho das tradutoras de participarem do projeto. Espero que um dia haja oportunidades para encontros dos tradutores das várias equipes.

Qual é a importância da presença de resenhas traduzidas para o inglês no Praça Clóvis?

A presença de resenhas traduzidas para o inglês no Praça Clóvis ajuda na divulgação dos romances brasileiros, incentiva a leitura de um público-alvo internacional, facilita as pesquisas de acadêmicos internacionais e serve para apresentar possíveis títulos para editores procurando expandir seu repertório de livros traduzidos. Mostra para a comunidade internacional a imensidão e qualidade dos romances brasileiros publicados desde 1970 e a seriedade do grupo de pesquisa brasileiro atrás desse site liderado pela professora Regina Dalcastagnè. Ademais, mostra o protagonismo do Brasil nas humanidades públicas.

Mesmo pensando apenas no processo de traduzir as resenhas, pode-se ver que teve um impacto na divulgação da literatura brasileira para minha equipe de tradutoras que são alunas americanas. A tradutora Svea Morrell comentou o seguinte: “Com certeza ser tradutora do Praça Clovis me deu mais vontade de ler literatura brasileira. Depois de traduzir uma resenha para *Onde estará Dulce Veiga?*, fui ler o livro e acabei apaixonada pelo estilo de escrita de Caio Fernando Abreu. Também estou lendo *A obscena Senhora D*, inspirada pela resenha que eu traduzi, sem a qual, eu provavelmente não teria tido a menor noção do que estava acontecendo no livro”. Shaina Thelen escreveu, “Sem dúvida, tenho um interesse maior pela leitura de literatura brasileira desde que trabalhei neste projeto com Praça Clóvis, e adoro aprender sobre tantas histórias e romances interessantes”. Martha Denton adiciona, “Não li *A cidade inexistente* nem *Os supridores* antes de traduzir as resenhas sobre estes livros. Agora tenho vontade de ler ambos livros porque as personagens me parecem muito complexas e os enredos intrigantes”. Annika Prickett notou que, depois de participar do projeto, ela lê “mais Clarice Lispector e também tenho uma lista bem grande das obras que quero ler também agora. Acho que esse projeto em geral me inspirou a continuar aprendendo sobre a cultura, história e literatura rica do Brasil”. Ao traduzir resenhas do Praça Clóvis e coordenar uma equipe de tradutoras, sinto que estou fazendo o que sempre quis fazer como professora de português: incentivar a criatividade, a leitura de literatura brasileira, o estudo da língua portuguesa, o reconhecimento de perspectivas e experiências além das nossas e colaborar com pessoas que respeito imensamente. É gratificante participar de um projeto que claramente vale a pena.

Com a palavra, as tradutoras:

Annika Prickett (Univ. de Minnesota): Para mim, a arte é o legado que deixamos no mundo. É importante criar nossa própria arte, mas também honrar as histórias e pessoas que vieram antes — e isso é exatamente o que Praça Clovis está fazendo.

Martha Denton (Univ. de Minnesota): Português é uma das 10 línguas com o maior número de falantes no mundo. Entretanto, como Fernanda Torres disse, “O Brasil é uma ilha continental, a gente é isolada pela nossa língua”. Acho que traduzir resenhas pode mostrar a riqueza da literatura brasileira e motivar pessoas fora do Brasil a estudar português.

Shaina Thelen (Univ. de Minnesota): O mundo é um lugar tão diverso e vibrante, com tantas culturas e histórias, e poder contribuir um pouco para levar as histórias e a literatura brasileiras a um público maior é muito emocionante. Também sinto a honra e a importância de ajudar a expandir a disponibilidade e a acessibilidade de histórias de povos indígenas, negros e sub-representados. Espero que, por meio deste projeto, essas histórias sejam lidas por mais pessoas e possam ter uma influência maior.

Emily Dicker (Univ. de Oxford): Fico muito grata pela oportunidade de traduzir a resenha de *Todas as coisas são pequenas* (2008), de Daniel Munduruku. Como nunca tinha lido nenhuma obra desse autor, aproveitei o desafio de aprender mais. Apesar dos desafios, fico orgulhosa do resultado. Normalmente a maioria dos textos que traduzimos nas nossas aulas é só para fins de aprendizagem. Portanto, é um prazer ver os nossos nomes ao lado da nossa tradução num espaço mais público. Tenho orgulho de fazer parte do projeto *Praça Clóvis* e de ajudar a compartilhar a literatura brasileira com um público mais amplo. Para mim, isso é a alegria de traduzir. É por causa dessa troca de ideias entre culturas que estudo as línguas.